

Caminhos da escola austríaca: relação com ortodoxia, engajamento e produção de novo conhecimento.

Eduardo Angeli

Departamento de Economia – UFPR

angeli@ufpr.br

Resumo: O artigo discute a situação corrente da escola austríaca em três aspectos. Em primeiro lugar, o texto argumenta que a escola austríaca não é ortodoxa, já que rejeita um dos três pilares neoclássicos, qual seja, a ênfase em estados de equilíbrio, e o substitui pela análise do processo de mercado. Em segundo lugar, o artigo mostra que a escola austríaca tem, ao menos em parte, buscado um maior engajamento dentro da profissão, ao invés de adotar a estratégia do isolamento. Por fim, o texto apresenta porque a escola austríaca não deve ser reduzida a um capítulo fechado e superado da história do pensamento econômico, na medida em que tem procurado avançar nos debates teóricos contemporâneos e na utilização de sua abordagem singular a problemas aplicados.

Abstract: The paper discusses the current situation of the Austrian School in three different matters. Firstly, the text argues that the Austrian School should not be considered orthodox, because it rejects one of the three neoclassical pillars, namely the emphasis on equilibrium states; in Austrianism, an analysis of market process is adopted. Secondly, the article shows that the Austrian school has, at least in part, sought greater engagement within the profession, instead of adopting a strategy of insulation. Finally, the text presents the reason why Austrian school should not be reduced to a closed chapter in the history of economic thought; it is argued that Austrianism has been trying to advance in contemporary theoretical debates and in the application of its unique approach to economic and social problems.

Palavras-chave: Escola Austríaca; Ortodoxia; História do pensamento Econômico; Teoria Econômica; Metodologia da Economia.

Keywords: Austrian Economics, Orthodox Economics; History of Economic Thought; Economic Theory; Economic Methodology.

1) Introdução

Em 2014 economistas da Escola Austríaca celebraram 40 anos de dois eventos importantes na história deste vertente do pensamento econômico: a conferência de South Royalton (em Vermont, EUA)¹ e o prêmio Nobel concedido a F. A. Hayek.

Até então em uma situação difícil com relação à sua própria sobrevivência, o austrianismo no começo dos anos 1970 se revigorou, e o principal ano desta nova fase é 1974. A partir de então, passou mais claramente a ganhar novos adeptos e a avançar na construção teórica e na sua aplicação ao entendimento da realidade.² Esta efeméride pode indicar a conveniência do presente texto, que procura contribuir para difundir junto à comunidade brasileira de economistas acadêmicos, usualmente pouco familiar à Escola Austríaca, algumas características deste movimento intelectual.³ Para isso, o texto argumenta que algumas imagens mais ou menos comuns a respeito da Escola

¹ A conferência que marcou o “Austrian Revival” (Vaughn, 1994, p. 103) foi organizada pelo Institute of Humane Studies e contou com três expoentes do austrianismo: Israel Kirzner, Murray Rothbard e Ludwig Lachmann. Além dos três experientes economistas, compareceram à conferência, conforme relata Vaughn (1994), basicamente doutorandos e professores em início de carreira, dentre os quais se destacam Mario Rizzo, Gerald O’Driscoll Jr. e Roger Garrison. Artigos lá apresentados originaram o livro editado por Dolan (1976).

² Ainda que Aimar (2009) tenha detectado uma queda importante no nível de interesse despertado pelo austrianismo a partir da metade da década de 1990. Dois dos motivos pelos quais o autor acredita que tenha acontecido este declínio serão discutidos criticamente neste ensaio: a ideia de que economistas austríacos são principalmente historiadores do pensamento econômico e o fato de que ao menos parte da teoria austríaca acaba sendo usada para “partisan ends” (Aimar, 2009, p. 201), ou seja, como apêndice ideológico para certas posições políticas, incapaz de dialogar e contribuir para os debates relevantes contemporâneos em teoria econômica. O terceiro motivo que Aimar identifica é a tese de que há uma heterogeneidade no austrianismo, no sentido de que diferenças teóricas e metodológicas (mesmos termos, como individualismo metodológico ou subjetivismo, significam coisas diferentes) impedem a existência de uma escola de pensamento, mas sim diversas correntes.

³ Uma busca, em março de 2015, no sistema Scielo dá alguns indícios deste desconhecimento. Ao procurar no título, resumo ou palavras-chave de artigos em revistas de Economia (Economia e Sociedade, Economia Aplicada, Estudos Econômicos, Nova Economia, Revista Brasileira de Economia, Revista de Economia Contemporânea, Revista de Economia Política e Revista de Economia e Sociologia Rural, cada uma delas cobertas em diferentes períodos e números de volumes) surgem, para o termo “Hayek”, apenas 16 artigos de 10 autores diferentes; para o termo “Mises”, apenas um artigo; para “Escola Austríaca”, dois artigos de dois autores diferentes.

Austríaca na comunidade dos economistas brasileiros são falsas. Tais imprecisões acerca do austrianismo por vezes bloqueiam o sadio debate intelectual e o intercâmbio de ideias, criando barreiras desnecessárias e pouco produtivas. Além disso, diminuem, aos olhos de boa parte da comunidade de economistas, o mérito “científico” das contribuições austríacas contemporâneas, reduzindo-as a meras posições “ideológicas”, no sentido de serem simples acessórios a determinada posição política de alguma forma associada à Escola.

Através do esclarecimento sobre a Escola Austríaca e seu estado atual, por meio da crítica a alguns dos mitos que a cercam, o presente texto se adequa, em primeiro lugar, à metodologia do pluralismo crítico (Caldwell, 1988), que defende a importância de se compreender melhor o movimento atual da disciplina economia através da avaliação dos diferentes programas de pesquisa, de suas forças e fraquezas. Assim, “we will have a better understanding of what economic science is, and with luck that will lead to its improvement” (Caldwell, 1988, p. 240).

Em segundo lugar, o texto se enquadra no esforço de “engajamento” proposto por Koppl (2006). Em sua palestra por ocasião da reunião anual da Sociedade para o Desenvolvimento da Economia Austríaca (SDAE, da qual era presidente), Koppl clama por uma abertura por parte dos Austríacos a temas tradicionalmente tratados por escolas como a pós-keynesiana e a nova economia institucional. Ele argumenta que há uma espécie de nova ortodoxia emergente (ou *mainstream* heterodoxo) marcada pela aceitação de cinco características no estudo da economia: racionalidade limitada, seguimento de regras, instituições, cognição e evolução⁴, em oposição ao que ele chama de “santíssima trindade” ortodoxa: racionalidade, egoísmo e equilíbrio.

De acordo com Koppl (2006), os seguidores do paradigma Austríaco encontram-se diante de uma encruzilhada: podem ler, estudar e buscar incorporar e contribuir em diversos tópicos do contemporâneo *mainstream* heterodoxo, tentar compreender seus dilemas e progressos, e buscar comunicar a eles as especificidades da Escola Austríaca. Este é o caminho que ele chama de “engajamento”. Isto seria

⁴ O que, em inglês, forma o acrônimo BRICE (bounded rationality, rule following, institutions, cognition, evolution).

fundamental para a própria sobrevivência da tradição Austríaca e para que suas ideias ocupem algum espaço relevante no *mainstream* de amanhã.

Por outro lado, os Austríacos podem ignorar a emergência dessa nova ortodoxia, seja por motivos metodológicos ou ideológicos, fechando-se em seu próprio mundo, sua própria linguagem e sua própria e exclusiva agenda de pesquisa. Essa opção pelo “desengajamento”, contudo, faria a tradição cair de vez no obscurantismo e na irrelevância.

Diante disso, o presente artigo procura discutir, em cada uma das três seções seguintes, três falsas imagens que parecem difundidas na academia brasileira: (i) a Escola Austríaca é ortodoxa; (ii) a Escola Austríaca é isolacionista; (iii) a Escola Austríaca não tem produzido conhecimento novo e relevante. O texto é concluído com as considerações finais.

2) A Escola Austríaca é ortodoxa?

O conceito de ortodoxia não é consensual entre os economistas. Para os propósitos deste texto, é seguida a definição de Dequech (2007), que trata de três categorias: ortodoxia, heterodoxia e *mainstream*. Em particular com relação ao termo ortodoxia, ele a identifica atualmente com a escola neoclássica, que é assentada sobre três pilares: destaque para racionalidade (entendida como maximização de utilidade), ênfase sobre estado(s) de equilíbrio e negligência de tipos fortes de incerteza. Pode-se argumentar que a escola austríaca rejeita estes três pontos e, portanto, não pode ser considerada ortodoxa. Contudo, por limitação de espaço, destaque será dado para a substituição da ênfase em equilíbrio – ao rejeitar um dos três pilares, mostra-se que há sim uma importante separação entre economia ortodoxa e economia austríaca.

A ênfase sobre o processo de mercado, ao invés da opção de estudo pelos estados de equilíbrio, o que caracteriza a separação entre ortodoxia e austrianismo, fica explícita na própria definição de escola austríaca.

Boettke (1994) fala que, a despeito da heterogeneidade existente dentro do austrianismo, existem ao menos dois objetivos e três princípios metodológicos que conferem ao austrianismo um grau de coesão que justifica a utilização do termo “escola”. Os objetivos perseguidos por um autor austríaco seriam (i) apresentar os

eventos econômicos em termos da ação humana direcionada a um propósito (*purposive human action*) e (ii) relatar as consequências não-intencionais desta ação humana. Para atingir estes dois objetivos, os três postulados metodológicos seriam (i) individualismo metodológico, (ii) subjetivismo metodológico e (iii) foco em processos ao invés de estados de equilíbrio.

Já Rizzo (2009, 2013), mais voltado aos desenvolvimentos recentes feitos pelo austrianismo, cita oito temas que caracterizam a identidade austríaca. Nas suas palavras:

(1) the subjective, yet socially embedded, quality of human decision making; (2) the individual's perception of the passage of time ('real time'); (3) the radical uncertainty of expectations; (4) the decentralization of explicit and tacit knowledge in society; (5) the dynamic market processes generated by individual action, especially entrepreneurship; (6) the function of the price system in transmitting knowledge; (7) the supplementary role of cultural norms and other cultural products ('institutions') in conveying knowledge; and (8) the spontaneous – that is, not centrally directed – evolution of social institutions (Rizzo, 2013, p. 50-51).

Kirzner (1987), por sua vez, mostra que, no começo da década de 1930, a escola Austríaca era reconhecida como um capítulo importante, mas já encerrado, da história do pensamento econômico. Em parte isto se devia a que muitos dos Austríacos entendiam que o austrianismo havia sido absorvido pela corrente principal da profissão, deixando de existir razão que justificasse uma escola autônoma, seja pela vitória da posição defendida por Menger no *Methodenstreit* a respeito da possibilidade de teorização em Economia contra a crítica historicista (Kirzner, 1987), seja porque muitas das contribuições austríacas à teoria da econômica haviam sido incorporadas pelos economistas de fora da Áustria.

Tal visão teria surgido com a geração de Böhm-Bawerk e Wieser, que se enxergavam não como uma alternativa radical à abordagem *mainstream*, mas como colaboradores dela – ao contrário de Menger, que procurou guardar distância entre sua abordagem e as de Walras e Jevons (Boettke, 1994).

Nesse espírito, Machlup levantou seis características que caracterizariam a escola Austríaca antes da segunda guerra mundial:

(a) methodological individualism (not to be confused with political or ideological individualism, but referring to the claim that economic

phenomena are to be explained by going back to the actions of individuals); (b) methodological subjectivism (recognizing that the actions of individuals are to be understood only by reference to the knowledge, beliefs, perception and expectations of these individuals); (c) marginalism (emphasizing the significance of prospective changes in relevant magnitudes confronting the decision maker); (d) the influence of utility (and diminishing marginal utility) on demand and thus on market prices; (e) opportunity costs (recognizing that the costs that affect decisions are those that express the most important of the alternative opportunities being sacrificed in employing productive services for one purpose rather than for the sacrificed alternatives); (f) the time structure of consumption and production (expressing time preferences and the productivity of ‘roundaboutness’) (Kirzner, 1987, p. 64-65).

De acordo com Kirzner, esta lista de Machlup seria uma descrição não só do austrianismo pré-Guerra, mas da maior parte da microeconomia moderna – o que daria sustentação à ideia de colapsamento do austrianismo na corrente principal da profissão. Contudo, Kirzner argumenta que avanços realizados posteriormente fizeram com que a lista de Machlup ficasse incompleta – algo que dificilmente poderia ter sido previsto, a despeito de estes desenvolvimentos mais recentes terem estado latentes nas contribuições Austríacas anteriores.⁵ Estes dois elementos que afloraram após os anos 1930 seriam os seguintes: “(g) markets (and competition) as processes of learning and discovery; (h) the individual decision as an act of choice in an essentially uncertain context (where the identification of the relevant alternatives is part of the decision itself)” (Kirzner, 1987, p. 66).

Kirzner (1987) argumenta que tais desenvolvimentos feitos pela escola Austríaca a partir da década de 1930, com as contribuições de Mises e Hayek ao debate do cálculo econômico socialista, apontam para importantes diferenças entre o austrianismo e a corrente principal da profissão. Ambas as características distintivas estão assentadas sobre a rejeição da análise de equilíbrio feita pela economia

⁵ Segundo Boettke (1994), mesmo durante os anos 1930, em que vigorava a concepção de que o austrianismo havia se fundido ao restante da teoria econômica, permaneciam peculiaridades relevantes dos Austríacos: o fato de não se remeter à teorização matematizada, de utilizar argumentos filosóficos, de destacar o caráter dinâmico do mercado e de lidar com questões sociais e políticas que ultrapassavam o objeto usual do economista (as trocas e a produção). Dessa maneira, “[t]he Austrians were quintessential members of the mainstream economic thought, but their methodological position and analytical approach in monetary theory, capital theory and even basic price theory forced them into increasing confrontations with the mainstream of English language economics” (Boettke, 1994, p. 2).

convencional, e absorvida pelos defensores do socialismo naquele debate, que levaram Mises e Hayek e expor a oposição Austríaca a este tipo de análise em favor da ênfase no seguinte tripé: “process, learning and discovery” existente na análise Austríaca. Em texto anterior, Kirzner dá especial ênfase a este aspecto: “[a] characteristic feature of the Austrian approach to economic theory is its emphasis on the market as a process, rather than as a configuration of prices, qualities, and quantities that are consistent with each other in that they produce a market equilibrium situation” (Kirzner, 1974, p. 3, grifo no original).

De acordo com Lachmann (1978), três características marcariam a singularidade do austrianismo face outras correntes de pensamento econômico: (i) o radical subjetivismo que inclui não só preferências, mas também expectativas, (ii) a inclusão do tempo como variável relevante ao estudo da economia, com particular atenção às alterações no conhecimento disponível e (iii) a desconfiança com relação à utilização de categorias que não sejam expressões do que existe nas mentes do *homo agens* misesiano, em particular a utilização de agregados macroeconômicos e o estudos de suas relações.⁶

⁶ Rothbard (1992) argumenta que o austrianismo deveria ser definido de uma maneira mais estrita em relação ao apresentado no presente texto. Segundo ele, a definição de o que pode ser considerado como economia austríaca usualmente é tão ampla que chega a incluir propostas por vezes opostas e conflitantes. Segundo ele, “[i]t has unfortunately become habitual in summing up Austrian economics, or the Austrian paradigm, to present it as an unconnected grab-bag of separate principles, a laundry-list of various separate traits: In particular, “subjectivism”; “market process” or disequilibrium processes as against equilibrium or end-states; market coordination of plans; methodological individualism; stress on the “unintended consequences” rather than the intended consequences of human action; and writing in “literary” style or ordinary language rather than in formal mathematics.(...) [T]his emphasis on the unconnected laundry-list leads almost inevitably into gross error, for it leads to a one-sided overvaluation and therefore mis-emphasis on such particular traits as “subjectivism,” “market process,” or unintended consequences, thereby unfortunately denigrating such other crucial elements of Austrianism as objective reality and its laws, the end-state or equilibrium goals implicit in all human action, and the exercise of reason and therefore the intended consequences of such action...”. Ou seja, Rothbard sugere uma oposição entre a abordagem de Hayek e Lachmann (subjetivismo, consequências não-intencionais) e a sua própria, herdeira da de Mises (ação humana e consequências intencionais, individualismo metodológico). Em seu texto, Rothbard procura rebater cada um dos elementos usualmente listados como características do austrianismo “by non-Misesian Austrian (Hayekian and others)” (Rothbard, 1992, p. 9), como o subjetivismo defendido por “Lachmannians and other pseudo-Austrians” (Rothbard, 1992, p. 10). De forma semelhante, Klein (2008) argumenta que a ênfase em elementos como subjetivismo, processo de mercado, incerteza, consequências não-intencionais, evolução institucional, etc, normalmente associados a autores como Hayek, Lachmann e Kirzner, desloca o foco do que realmente seria central ao austrianismo, o que ele chama de *mundane economics*: “price theory, capital theory, monetary theory, business-cycle theory, and the theory of interventionsim” (Klein, 2008, p. 167), vale dizer, temas que poderiam provocar confusão entre o austrianismo e a economia *mainstream*, mas que são tratados de uma

Das discussões acima mencionadas sobre o que é a Escola Austríaca,⁷ merece destaque a concepção de que o austrianismo está intimamente associado ao conceito de processo de mercado. A propósito, o destaque que a substituição da análise de equilíbrio pela de processo tem na definição do que é a escola Austríaca é tão grande que, de acordo com Vaughn (2014), em seu início o grupo austríaco da George Mason University (GMU), hoje o principal reduto Austríaco no mundo, chamava-se *Center for the Study of Market Process*, e não “programa de economia Austríaca”. James Buchanan, antes de entrar para o corpo docente da GMU no início da década de 1980, teria apreciado a escolha do nome: “[h]e felt it was important to focus on a research question rather than on a particular ancestry” (Vaughn, 2014, p. 162, n. 6). O grupo Austríaco existente na New York University, liderado por Mario Rizzo, chama-se *Colloquium on Market Institutions & Economic Processes*.⁸

É precisamente a rejeição da opção pelo estudo de estados de equilíbrio que caracteriza a separação da escola austríaca em relação à economia ortodoxa. Mas do que se trata o processo de mercado? Segundo Mises:

The market is not a place, a thing, or a collective entity. **The market is a process, actuated by the interplay of the actions of the various individuals cooperating under the division of labor.** The forces determining the - **continually changing** - state of the market are the value judgments of these individuals and their actions as directed by these value judgments. (...) There is nothing inhuman or mystical with regard to the market. **The market process is entirely a resultant of human actions. Every market phenomenon can be traced back to definite choices of the members of the market society.** The

perspectiva singular, que passa pela abordagem causal-realista que seria o legado de Menger (Klein, 2006).

⁷ Para uma descrição mais esquemática da escola austríaca, ver o sumário proposto em Mair e Miller (orgs.)(1991, pp. 68-70).

⁸ Um debate ocorrido recentemente tanto em artigos em revistas quanto em blogs passou, dentre outras questões, pelo uso do termo “escola Austríaca”, envolveu a sugestão por parte de autores como Block (2012), de que um grupo de austríacos deixasse de se identificar com esta escola e adotasse outro nome, assumindo seu caráter supostamente “cismático”. Segundo Block (2012), a praxeologia tal qual usada por Mises e Rothbard seria o caso paradigmático do austrianismo, de modo que críticas a ela representariam um desvio da tradição. A razão imediata da crítica de Block (2012) foi a publicação de Prychitko (2002), economista doutor pela GMU e próximo ao grupo de Boettke. Block cita órgãos vinculados a esse grupo, como a *Society for the Development of Austrian Economics* e a *Review of Austrian Economics*. O blog de Boettke, Prychitko e outros, de fato, havia tido o nome trocado já em 2010 em virtude das disputas entre os grupos, deixando de ser o *Austrian Economists* para ser o *Coordination Problem*. Ver <http://www.coordinationproblem.org/2010/01/new-thinking-for-a-new-decade-1.html>

market process is the adjustment of the individual actions of the various members of the market society to the requirements of mutual cooperation. The market prices tell the producers what to produce, how to produce, and in what quantity. The market is the focal point to which the activities of the individuals converge. It is the center from which the activities of the individuals radiate. (Mises, 2007, pp. 257-258, grifos meus)

O processo de mercado é resultado da ação humana. Segundo Mises,

Human action is purposeful behavior. Or we may say: Action is will put into operation and transformed into an agency, is aiming at ends and goals, is the ego's meaningful response to stimuli and to the conditions of its environment, is a person's conscious adjustment to the state of the universe that determines his life. (Mises, 2007, p. 11)

E sobre a condição necessária, ou a motivação, para a ação humana:

Acting man is eager to substitute a more satisfactory state of affairs for a less satisfactory. His mind imagines conditions which suit him better, and his actions aims at bringing about this desired state. The incentive that impels a man to act is always some uneasiness. A man perfectly content with the state of his affairs would have no incentive to change things. (Mises, 2007, p. 13)

Ao estudar a ação humana, a economia (ou, de modo mais geral, a praxeologia proposta com Mises) apresenta-se de forma fundamentalmente separada das ciências naturais. Nas palavras do autor:

[T]here is in the universe something for the description and analysis of which the natural sciences cannot contribute anything. There are events beyond the range of those events that the procedures of the natural sciences are fit to observe and to describe. There is human action. (Mises, 2006, p. xi)

Mises (2007, cap. 14) afirma que o método da economia (e da praxeologia) é método das construções imaginárias, em que o economista abstrai características que envolvem a ação humana para poder avaliar as consequências dessa ausência em um plano abstrato, bem como para compreender os efeitos de sua existência. Para isso, o economista se vale do apriorismo, a dedução a partir de premissas evidentemente verdadeiras, em última instância, o axioma da ação humana, que é fundamentado a partir do uso da introspecção. Por serem erigidas a partir de abstrações da realidade, e por se valerem da dedução apriorística, não faz sentido, para Mises, tentar avaliar empiricamente as construções imaginárias. Ao contrário, a utilidade delas é devida precisamente pelas dificuldades próprias da praxeologia, em sua peculiaridade frente às ciências naturais, de se utilizar a realidade empírica:

Praxeology cannot, like the natural sciences, base its teachings upon laboratory experiments and sensory perception of external objects. It had to develop methods entirely different from those of physics and biology. It would be a serious blunder to look for analogies to the imaginary constructions in the field of the natural sciences. The imaginary constructions of praxeology can never be confronted with any experience of things external and can never be appraised from the point of view of such experience. Their function is to serve man in a scrutiny which cannot rely upon his senses. In confronting the imaginary constructions with reality we cannot raise the question of whether they correspond to experience and depict adequately the empirical data. (Mises, 2007, pp. 236-237)

Dentre as construções imaginárias de Mises (e, portanto, não descrições da realidade) está o *final state of rest*, compatível com uma situação em não há pressões para alteração de preços e, para o autor, não pode ser atingida. Segundo Mises, “the market at every instant is moving toward a final state of rest. Every later new instant can create new facts altering this final state of rest. But the market is always disquieted by a striving after a final state of rest”. (Mises, 2007, p. 245)

Tal visão de Mises será desenvolvida posteriormente especialmente por Kirzner (e.g. 2013), que utilizará a explicação do processo de mercado posto em movimento pela ação do empresário. Tal atividade empresarial é o que, ao proporcionar a descoberta de oportunidades de ganho e explorá-las, promove o movimento do sistema econômico rumo a um estado mais próximo do equilíbrio, que nunca é alcançado.

Hayek (e.g. 1937; 1945; 1952, cap. 3), por sua vez, destacou o caráter subjetivo, incompleto e difuso do conhecimento possuído pelas pessoas. Para Hayek, este é um fato fundamental com o qual as ciências sociais deveriam lidar. Na perspectiva de Hayek, é razoável que o indivíduo esteja em equilíbrio, no sentido de que seus planos apresentem coerência e compatibilidade com o conhecimento que ele possui. Contudo, a passagem do equilíbrio individual para o equilíbrio geral (no sentido de envolver todos os participantes do mercado) não é trivial, na medida em que requer compatibilidade entre os planos dos inúmeros participantes do mercado, em particular com relação ao comportamento esperado dos demais indivíduos. Diante disso, cumpriria aos economistas explicar a passagem do equilíbrio individual ao geral, através da maior compatibilização do conhecimento e dos planos. O problema da maior parte

dos economistas é que a escolha metodológica deles é estudar estados de equilíbrio, admitindo conhecimento perfeito. Supõem, assim, o que deveriam explicar. Por isso a necessidade de estudo do processo de mercado, onde acontece a revisão de planos através da descoberta, transmissão e difusão de conhecimento.

Segundo Egger (1978), a singularidade austríaca frente ao que ele chama de ortodoxia neoclássica está, entre outras coisas, na adoção da hipótese de informação imperfeita, no papel da ação empresarial no processo de mercado e na inclusão do tempo como variável relevante na explicação econômica. Barbieri (2006) fala da distinção entre o problema da informação (incorporado ao mainstream) e o problema do conhecimento de Hayek, ao qual Egger faz referência. A propósito, o movimento de incorporação e conversão do problema do conhecimento de Hayek na economia da informação neoclássica pode ser vista como mais um capítulo da “cheia do mainstream” de que fala Possas (1997). Como nota Rizzo:

If we take time seriously, it is hard to imagine Austrian economics as merely “a supplement to neoclassical economics.” (...) Some neoclassical economists may be able to make improvements in their analyses by formalizing (and thus transforming) the insights to Menger, Hayek or others. But this is not the essence of the Austrian contribution to knowledge about the social world. Austrians ask different kinds of questions and provide different kinds of answers. This is not to say that they may not sometimes ask the same or similar questions or that their vocabulary might not be at least superficially similar to that of the neoclassical mainstream. It is to say, however, that Austrian economics is essentially a different enterprise from neoclassical social physics. (Rizzo, 1996, p. xiii)

3) A Escola Austríaca é isolacionista?

Segundo Aimar (2009), um dos elementos que tem dificultado o aumento da influência do austrianismo pela comunidade dos economistas é o uso por vezes belicista que se faz dela com vistas a servir de suporte para propósitos políticos. Tal politização provoca, de um lado, a criação de uma caricatura do austrianismo por parte, em geral, dos opositores do liberalismo, posição associada à escola,⁹ e, de outro, a ampliação do

⁹ Boettke (1995) estuda a relação entre liberalismo e austrianismo. Interessante notar que um dos principais estudantes e depois colegas de Menger, Wieser (de quem Mises e Hayek foram alunos) admitia um grau de participação do Estado maior do que usualmente é associado ao austrianismo: Among the

preconceito de que os austríacos não podem contribuir com os debates contemporâneos em teoria econômica.

A presente seção procura discutir se a caracterização do austrianismo como uma corrente belicista, um grupo que se preocupa mais em atacar os que não aderem aos seus próprios textos clássicos, ao invés de contribuir de forma engajada, é correta. O argumento é que tal caracterização é verdadeira apenas para uma parte dos austrianismo, mas não pode ser generalizada para toda a escola. Nesse sentido, há uma heterogeneidade do comportamento diante do restante da profissão.

Ignorar a existência de uma forte relação entre a escola austríaca e o liberalismo não ajudaria a divulgar a escola de uma maneira melhor do que normalmente tem sido feita. Tal relação é inegável, especialmente porque se pode entender o desenvolvimento teórico da escola como a busca por fortalecer a crítica ao socialismo e a defesa do livre mercado no famoso debate do cálculo econômico socialista. Como se sabe, nele Mises e Hayek procuraram mostrar a impossibilidade do socialismo e a instabilidade do sistema intervencionista. Kirzner, ao discutir os significados associados à escola Austríaca na segunda metade dos anos 1980, afirma que para alguns a escola Austríaca seria mais facilmente identificado com o libertarianismo do que com alguma proposta metodológica singular, de modo que “[f]or those observers, to be an Austrian economist in the 1980’s is simply to be in favour of free markets” (Kirzner, 1987, p. 67).

Segundo Kirzner, esta identificação é devida à firme defesa que Mises fazia da causa liberal, a ponto de isto parecer ser o núcleo da posição Austríaca, o que teria sido aprofundado por um de seus principais seguidores, Murray Rothbard. No entanto, ainda segundo Kirzner (1987), esta visão não é precisa, tanto que Mises e Hayek defendiam que suas contribuições à teoria econômica prezavam a neutralidade, e que a partir disso é que questionavam a possibilidade do socialismo, de modo que “[b]oth writers would see their free market stance at the policy level as related to, but not central to, their Austrianism” (Kirzner, 1987, p. 68).

Na mesma linha, mas falando de Mises e Rothbard, Block (2012) explica que ambos os autores reconheciam a distinção entre postulados normativos, de um lado, e postulados positivos, de outro¹⁰, de modo que defendiam a neutralidade de suas proposições em economia e que a “political economic philosophy” (Block, p. 156) que adotavam não possuía relação direta com a abordagem praxeológica que defendiam. Segundo sua visão, “[t]here is in fact a *gigantic* logical divide between Austrian economics, on the one hand, and libertarian political philosophy, on the other” (Block, 2012, p. 159, grifo no original), em virtude da distinção entre ciência positiva (a economia austríaca) e disciplina normativa (o libertarianismo) – o que não impede que os tipos de perguntas levantados à economia Austríaca e ao libertarianismo tenham alguma relação.¹¹

Um dos principais expoentes do Austrianismo contemporâneo, Boettke (2011) defende que os economistas Austríacos devem admitir que seu objetivo, enquanto economistas acadêmicos, deve ser publicar trabalhos relevantes e inovadores nas melhores revistas e que venham a ser muito citados, e lecionar economia para os melhores alunos. Assim, segundo ele, é preciso que se diga claramente que um economista Austríaco almeja (ou pelo menos deveria almejar) o seguinte:

[T]o publish in the American Economic Review (AER) not the Review of Austrian Economics (RAE), or the Quarterly Journal of Economics not the Quarterly Journal of Austrian Economics; to hold positions at Harvard University, the University of Chicago, Princeton University, Stanford University, or MIT rather than GMU, West Virginia University, Clemson University, Florida State University or Suffolk University (...). It is what it is, and to deny reality is to make a serious mistake (Boettke, 2011, p. 20).

Adicionalmente, ele explicita:

¹⁰ Quais sejam, a defesa do “limited government libertarianism for Mises and anarcho-capitalism for Rothbard” (Block, 2012, p. 156).

¹¹ “Austrian economics, as in the case of all other schools of thought in the “dismal science,” is concerned with issues such as: What causes what? How do we explain and understand economic reality? How are prices determined? Why do we have depressions? What are the effects of tariffs? Libertarianism, in sharp contrast, addresses itself to an entirely different set of issues. It asks: Under what conditions is the use of force justified? Should abortion be allowed? Would voluntary slave contracts be legitimate in a free society? Is the death penalty justified? Is the minimum-wage law legitimate? What immigration policy is compatible with libertarianism? Now, of course, the two sets of questions are not entirely unrelated. For example, whether or not the minimum-wage law is compatible with justice in some measure depends upon what, precisely, are its effects.” (Block, 2012, p. 159).

Just to be clear, what we are trying to pull off is no less of an accomplishment than what happened with the Keynesian revolution mid 20th century. We want to place an Austrian inspired economist in every university and college in the US within the next 30 years, and clusters of centers for research and education in 20 or more schools, with half of those being in graduate programs and at least 1 or 2 in elite PhD programs (Boettke, 2011, p. 21).

A posição de Boettke chama a atenção por refletir uma postura a favor do engajamento do Austrianismo dentro do amplo campo de trabalho dos economistas acadêmicos, em particular com relação à “métrica” do sucesso de um economista. Boettke rejeita o isolacionismo e o “belicismo” que parecem marcar ainda boa parte do austrianismo. Ele lamenta que tal engajamento acadêmico ao espectro maior da profissão ainda não seja amplamente difundido entre os Austríacos. Tal postura diante do restante da profissão já mostra, por si só, ao menos um tipo de heterogeneidade dentro do seio Austríaco. Boettke (2011) cita outro grupo de Austríacos, vinculado ao Instituto Mises, como aderente a esse isolamento intelectual que ele procura evitar.

A estratégia proposta por Boettke é que o austrianismo não se resuma a guetos que vivam a atacar os de fora. Para ele, o economista Austríaco deve romper os muros da própria escola e utilizar Hayek e Mises como equipamento para discutir com o restante da profissão temas relevantes e se abrir para propostas de aproximações teóricas e complementação na compreensão do mundo. Em seus conselhos para estudantes Austríacos, Boettke diz o seguinte:

Academic life is too short and your professional colleagues are too interesting to emphasize differences, rather than commonalities. Constantly seek to find common ground from which to work with the purpose of tackling relevant problems. (...) Our task is one of engagement with our colleagues and our students, not isolation and insulation. (Boettke, 2011, p. 22).

Ainda em sua perspectiva, outro ponto que os Austríacos devem imitar de Mises e Hayek é a postura com relação aos trabalhos e autores de fora da própria tradição Austríaca. Segundo seu relato, ambos os expoentes do austrianismo rejeitavam rótulos, ainda que abraçassem sua herança Austríaca. Tal postura deve ser resultado da visão de que o que importa não são rótulos que as pessoas ostentam em termos de orientação e fidelidade teórica, mas o tipo de argumento proposto e as posições tomadas, de modo que, mais do que tentar beber de fontes que se auto-denominam

Austríacas, o austrianismo deve se abrir para oportunidades de intercâmbio e ganho intelectual com o restante da profissão.

Assim, destaque deve ser dado a essa mudança de postura que tem caracterizado ao menos parte do grupo de economistas Austríacos. Se parte do austrianismo ainda toma atitude “belicistas”, isolacionistas, e é, de certa forma, auto-contido, valorizando o grau de fidelidade aos *founding fathers*, outra parte busca uma postura diferente, de avanço substantivo na construção teórica, proposições relevantes para questões contemporâneas e maior diálogo e intercâmbio de ideias com o restante da profissão, sem abandonar a herança mengeriana, misesiana, hayekiana e kirzneriana.

4) A Escola Austríaca se reduz a um capítulo da história do pensamento econômico?

Kirzner, escrevendo na segunda metade da década de 1980 (Kirzner, 1987), afirma que, ao menos para parte da profissão, a escola Austríaca é um capítulo encerrado da história do pensamento econômico. Segundo esta visão, a escola Austríaca teria deixado de existir a partir do início da década de 1930, tendo sido ou absorvida pelo *mainstream*, ou superada pela macroeconomia keynesiana que então surgia. Isto, porém, não estaria de acordo com um paradigma progressivo, que é como García-Brazales (2002) qualifica a escola austríaca.

Como constata Aimar (2009), pode-se dizer que a Escola Austríaca acaba por sofrer consequências negativas em virtude de possuir um rico passado. O renascimento do austrianismo a partir de meados da década de 1970 trouxe consigo uma grande reavivamento do interesse pelos clássicos da tradição. Nesse movimento, um grande esforço foi feito para que se enfatizasse a releitura de textos antigos, por vezes num esforço de exegese. Ademais, uma característica que marca muitos dos textos escritos por Austríacos é o número relativamente elevado de referências e citações a Hayek, Mises e outros autores pretéritos.

Tais características podem ajudar a difundir entre a comunidade de economistas a percepção de que, precisamente por recorrerem tanto a textos antigos que, supostamente, pouco dialogam com o que tem sido feito na fronteira do conhecimento, tende a isolar os austríacos das discussões contemporâneas consideradas

relevantes em nível teórico, em um contexto em que prevalece o ideal de *hard science* e de superação positiva (Arida, 1984), associado à concepção *whig* vinculada muitas vezes ao modo de se fazer HPE.¹²

Nesse contexto, a presente seção argumenta que é falsa a caracterização da Escola Austríaca como apenas um capítulo de história do pensamento econômico, ou um grupo dedicado apenas a discussões sobre o passado da disciplina. Para que se compreenda em que medida o austrianismo ainda é relevante e produtivo, e não um capítulo superado da história do pensamento econômico, o que, para boa parte da profissão, significa ser incapaz de produzir conhecimento novo e relevante para o desenvolvimento contemporâneo da ciência econômica e para a compreensão do mundo atual,¹³ convém avaliar dois aspectos: em primeiro lugar, o avanço sobre novas áreas de estudo e a produção de conhecimento novo por novas gerações de economistas, e, em segundo lugar, a preocupação com a relevância de suas contribuições para o mundo real, em particular como crítica da condução da política econômica.

Um indicador interessante para se compreender como o austrianismo contemporâneo não se reduz à HPE como esta é normalmente compreendida pela maior parte da profissão, surge ao se investigar a parcela dos artigos publicados no principal periódico dos Austríacos, a *Review of Austrian Economics* (RAE),¹⁴ designam-se com o código B do *Journal of Economic Literature* (JEL). Como se sabe, a categoria B é reservada para HPE, metodologia e abordagens heterodoxas. O código B00 é

¹² A concepção de que existe uma oposição entre história do pensamento econômico e teoria econômica, e que a primeira seria de pouca valia para a compreensão da realidade contemporânea, se comparada à segunda, é relativamente comum entre os economistas, mas, de um ponto de vista austríaco, não é verdadeira. Ver, a respeito, Boettke (2000, 2001, 2002) e Boettke *et. al.* (2014).

¹³ A discussão sobre o (pouco) papel geralmente atribuído à HPE pela maior parte da profissão, bem como suas causas e consequências, é longo dentro deste ramo da Economia. Ver, por exemplo, Arida (1984), Foley (2009), Tolipan (1989), Stigler (1982), Blaug (2001) e Boulding (1971).

¹⁴ Existem dois periódicos científicos principais dedicados à Escola Austríaca: a RAE, publicada trimestralmente pela Springer e que tem como editores-chefes Peter Boettke e Christopher Coyne, ambos professores da GMU, e o *Quarterly Journal of Austrian Economics* (QJAE), que tem como editor Joseph Salerno, um dos expoentes do Instituto von Mises, que publica a revista, e professor da Pace University. A consideração sobre a maior importância da RAE em relação ao QJAE pode ser inferida a partir do trabalho de Combes e Linnemer (2010). Nele, a RAE possui um fator de impacto CLh de 0,48, estando na posição 437, ao passo que o QJAE possui fator de impacto 0,31, ocupando a posição 638 no *ranking* de revistas de economia. Por sua vez, Lee *et. al.* (2010) propõe um ranking de 63 revistas heterodoxas em que a RAE ocupa a posição 37, ao passo que o QJAE toma a posição 51.

simplesmente “geral”, os códigos que começam com B1 tratam da HPE até 1925, os que começam com B2 dizem respeito à HPE após 1925, os que se iniciam com B3 tratam de indivíduos, aqueles com B4 tratam de metodologia econômica, e finalmente os que começam com B5 são reservados para abordagens heterodoxas contemporâneas. Dessa maneira, os códigos B1 a B3 podem ser vistos como dedicados exclusivamente a HPE, o B4 a metodologia. Já o B5 não necessariamente é dedicado a HPE, mas pode ser compreendido como destinado a teoria econômica heterodoxa atual.

Em 2013 e 2014 a RAE publicou os volumes 26 e 27, respectivamente, cada um deles com 4 números. Nesses 8 números, 81 artigos foram publicados, sendo 15 deles resenhas. Dos 66 restantes que não eram resenhas, 59 apresentam códigos JEL. Destes 59, apenas 3 apresentavam exclusivamente códigos JEL de B1 a B4, vale dizer, eram artigos que lidavam exclusivamente com HPE ou metodologia. Por outro lado, 56 apresentavam pelo menos um código JEL que não pertencente às classificações entre B1 e B4, ou seja, continham ao menos parcialmente uma discussão ou um objetivo não propriamente ligados à HPE ou à discussão metodológica, e, desses, 30 não continham nenhum código entre B1 e B4. Assim, ao levarmos em conta os artigos publicados em 2013 e 2014 na RAE com código JEL, mais metade deles, na visão dos próprios autores, não tinham HPE ou metodologia como um tema central.

Se, além das resenhas, retirarmos os artigos que foram publicados por terem sido apresentados em congressos ou simpósio, restam 30 artigos com código JEL que, possivelmente, passaram pelo processo usual de submissão e avaliação. Destes, apenas dois continham apenas códigos entre B1 e B4, vale dizer, na visão de seus autores lidavam exclusivamente com HPE ou metodologia. Dos outros 28, 23 não continham códigos entre B1 e B4, ou seja, na visão de seus autores não faziam discussão sobre HPE ou metodologia.

Este é um indicativo de que parte relevante dos artigos escritos e lidos por economistas que, de algum modo, se relacionam com o austrianismo, não enxergam seu trabalho como sendo de HPE ou metodologia no sentido usual do termo – o que, por certo, não implica que os autores do passado não sejam valorizados pelos austríacos, assim como a discussão metodológica, na medida em que suas contribuições não se

restringem à HPE ou à metodologia, mas são intimamente relacionadas com a própria teoria econômica.

Sob a perspectiva de boa parte dos economistas Austríacos (em particular de alguns dos expoentes atuais e pregressos desta escola), a atividade do economista acadêmico não deve ser um mero “jogo acadêmico”, mas um importante instrumento de informação e de formação crítica para a cidadania (Horwitz, 2011). Isso, ainda segundo Horwitz (2011), faz com que, em geral, em primeiro lugar economistas Austríacos tendam a ser mais preocupados com o ensino de economia do que, muitas vezes, economistas de outras correntes e, em segundo lugar, Austríacos procurem não se furtar à responsabilidade do debate público sobre política econômica e outros assuntos que não sejam estritamente acadêmicos – sem que isso seja uma representação de algo externo ao trabalho do economista acadêmico, ou de menor valor “científico”. Tal debate fora dos muros da academia acontece em revistas, blogs e outros fóruns não usualmente valorizados pela maior parte dos economistas acadêmicos, mas onde abundam comentários e exposições feitas por Austríacos acadêmicos voltados à análise crítica da realidade econômica e da política econômica.¹⁵

Diante disso, Boettke (2011) recomenda que os Austríacos, ao escreverem seus trabalhos, não fiquem preocupados em demonstrar “fidelidade” aos grandes nomes associados à tradição; nesse sentido, não é importante a quantidade de citação a trabalhos de Mises e Hayek, por exemplo, mas sim a construção de argumentos a partir da abordagem proposta por Mises e Hayek que sejam relevantes para a solução e compreensão de problemas contemporâneos. Essa, ele diz, era a postura que os próprios Mises e Hayek tiveram ao longo de sua trajetória.¹⁶

¹⁵ Uma hipótese levantada por Horwitz (2011) é que esse maior diálogo entre economistas Austríacos e cidadãos não-treinados em teoria econômica pode ser facilitado, entre outras razões, pelo fato de a linguagem utilizada pelos austríacos não ser matemática. Assim, os Austríacos acabam sendo mais treinados na escrita em linguagem corrente, bem como não existe a necessidade de se “traduzir” as contribuições da linguagem utilizado nos trabalhos teóricos para os meios amplos de circulação de ideias.

¹⁶ “It is not faithfulness in citation practices to the masters, and certainly not the number of block quotes you can provide from them, that makes a paper a worthy contribution to “Austrian” economics. It is instead the quality of the argument that you make, and its relevance to solving a significant problem in the economic and/or policy world” (Boettke, 2011, p. 22).

De fato, possivelmente como consequência dessa visão, o grupo de economistas austríacos que Boettke (2010) chama de terceira geração (após o “ressurgimento” da escola em 1974) tem levado adiante o que Stein e Storr (2013) chamam de *applied turn*. De acordo com eles, “[t]hese “third generation” scholars are primarily engaged in efforts to understand a specific phenomenon or group of phenomena in the real world”. Com isso, as discussões e críticas metodológicas tem cedido espaço, no austrianismo, a trabalhos aplicados a partir da teoria construída pelas gerações anteriores. Stein e Storr (2013) trazem uma lista de trabalhos que tem caracterizado tal terceira geração, que tem emergido ao longo dos últimos 10 anos. Ainda de acordo

Já Aymar (2009) cita três campos de desenvolvimento teórico austríaco: a teoria da firma (como desdobramento da teoria da ação empresarial de Kirzner), a nova análise institucional comparativa (ao estudo institucional da transição do socialismo para o capitalismo nos países do leste europeu) e a economia regional.

Rizzo (2009), por seu turno, faz um mapeamento mais completo sobre os trabalhos de economistas austríacos desde o final dos anos 1980. Já em 1996 ele havia percebido que “Austrian economics has changed in the past ten years and that change has been positive. Austrians have now become among the most creative, innovative and least doctrinaire of economists.” (Rizzo, 1996, p. xiii). Não cabe aqui replicar a (vasta) lista de trabalhos levantados por Rizzo, mas é interessante notar que ela abrange diferentes tópicos relacionados à construção teórica contemporânea inclusive fora do austrianismo, o que sugere a possibilidade de aumento de intercâmbio com outras correntes contemporâneas do pensamento econômico. A divisão de trabalhos recentes feita por Rizzo abrange os seguintes tópicos: macroeconomia e teoria monetária; atividade empresarial; processos de mercado e instituições econômicas; ordens espontâneas; *Law and Economics*.

5) Considerações finais

O artigo procurou colaborar no esclarecimento de alguns pontos referentes à Escola Austríaca. Isso parece especialmente importante em um momento em que muitos estudantes de Economia começam a buscar maior conhecimento sobre o austrianismo,

uma escola que até o presente momento não tem conseguido grande penetração na academia brasileira de economia, seja na pesquisa, seja no ensino.

Com vistas a isso, foi argumentado que a escola austríaca não é ortodoxa, já que rejeita um dos três pilares neoclássicos, qual seja, a ênfase em estados de equilíbrio, e o substitui pela análise do processo de mercado. O artigo também mostrou que a escola austríaca tem, ao menos em parte, buscado um maior engajamento dentro da profissão, ao invés de adotar a estratégia do isolamento. Por fim, o texto apresentou porque a escola austríaca não deve ser reduzida a um capítulo fechado da história do pensamento econômico (no sentido normalmente adotado na profissão), na medida em que tem procurado avançar nos debates teóricos contemporâneos e na utilização de sua abordagem singular a problemas aplicados.

6) Referências Bibliográficas

- AIMAR, Thierry. The curious destiny of a heterodoxy: The Austrian economic tradition. *Review of Austrian Economics*, v. 22, n. 3, p. 199-207, 2009.
- ARIDA, Pérsio. *A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica*, 1984. In: GALA, Paulo; REGO, José Marcio (orgs.), *A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica: Ensaios sobre Metodologia em Economia*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BARBIERI, Fabio. Filosofia da ciência como ferramenta microeconômica. *Nova Economia*, v. 16, n. 3, p. 507-534, 2006.
- BLAUG, Mark. No History of Economics, Please, We're Economists. *Journal of Economic Perspectives*, v. 15, n. 1, p. 145-164, 2001.
- BLOCK, Walter. Rejoinder to David Prychitko on Austrian Dogmatism. *Reason Papers*, v. 34, n. 2, p. 151-166, 2012.
- BOETTKE, Peter. *Introduction*, 1994. In: BOETTKE, Peter (org.). *The Elgar Companion to Austrian Economics*. Aldershot: Edward Elgar, 1994.
- BOETTKE, Peter. Why Are There No Austrian Socialists? Ideology, Science and the Austrian School. *Journal of the History of Economic Thought*, v. 17, n. 1, p. 35-56, 1995.
- BOETTKE, Peter. Why read the classics in Economics? *Library of Economics and Liberty (Online)*, 24 de julho de 2000. Disponível em <http://www.econlib.org/library/Features/feature2.html>. Acesso em 7 de julho de 2015.
- BOETTKE, Peter. *F. A. Hayek as an intellectual historian of economics*. In: MEDEMA, Steven; SAMUELS, Warren (orgs.). *Historians of Economics and Economic Thought: The construction of disciplinary memory*. London: Routledge, 2001.
- BOETTKE, Peter. The Use and Abuse of the History of Economic Thought within the Austrian School of Economics. *History of Political Economy*, v. 34, supp 1, p. 337-360, 2002.
- BOETTKE, Peter. *Back to the future: Austrian economics in the twenty-first century*. In: BOETTKE, Peter (org.). *Handbook on Contemporary Austrian Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, 2010.
- BOETTKE, Peter. Teaching Austrian Economics to Graduate Students. *Journal of Economics and Finance Education*, v. 10, n. 2, p. 19-30, 2011.
- BOETTKE, Peter; COYNE, Christopher; LEESON, Peter. Earw(h)ig: I can't hear you because your ideas are old". *Cambridge Journal of Economics*, v. 38, n. 3, p. 531-544, 2014.
- BOULDING, Kenneth. After Samuelson, Who Needs Adam Smith? *History of Political Economy*, v. 3, n. 2, p. 225-237, 1971.
- CALDWELL, Bruce. *The case for pluralism*. In: DE MARCHI, Neil (org.). *The Popperian Legacy in Economics: Papers Presented at a Symposium in Amsterdam, December 1985*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- COMBES, Pierre-Philippe; LINNEMER, Laurent. Inferring Missing Citations: A Quantitative Multi-Criteria Ranking of all Journals in Economics. *Groupement de Recherche en Economie Quantitative d'Aix-Marseille*, Document de Travail n°2010-28, 2010. Disponível em <https://hal.inria.fr/halshs-00520325/document>. Acesso em 7 de julho de 2015.

- DEQUECH, David. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 30, n. 2, p. 279-302, 2007.
- DOLAN, Edwin (org.). *The Foundations of Modern Austrian Economics*. Kansas City: Sheed & Ward, 1976.
- EGGER, John. *The Austrian Method*, 1976. In: SPADARO, Louis (org.), 1978.
- FOLEY, Duncan. The History of Economic Thought and the Political Economic Education of Duncan Foley. *Journal of the History of Economic Thought*, v. 31, n. 1, p. 21-31, 2009.
- GARCÍA-BRAZALES, Ángel Rodríguez. Austrian economics as a progressive paradigm: explaining more complex economic phenomena. *Review of Austrian Economics*, v. 15, n. 4, p. 335-357, 2002.
- HAYEK, Friedrich von. *Economics and Knowledge*, 1937. In: HAYEK, Friedrich von, 1948.
- HAYEK, Friedrich von. *The Use of Knowledge in Society*, 1945. In: HAYEK, Friedrich von, 1948.
- HAYEK, Friedrich von. *Individualism and Economic Order*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948.
- HAYEK, Friedrich von. *The Counter-Revolution of Science*. Indianapolis: Liberty Fund, 1979.
- HORWITZ, Steven. Austrian Economics and Liberal Arts Colleges as a Complementary Capital Combination. *Journal of Economics and Finance Education*, v. 10, n. 2, p. 31-40, 2011.
- KIRZNER, Israel. *Equilibrium versus Market Process*, 1974. In: KIRZNER, Israel. Perception, Opportunity, and Profit. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.
- KIRZNER, Israel. *The Austrian School of Economics*, 1987. In: KIRZNER, Israel, The meaning of market process: essays in the development of modern Austrian economics. London: Routledge, 1992.
- KIRZNER, Israel. *Competition and Entrepreneurship*. Indianapolis: Liberty Fund, 2013.
- KLEIN, Peter. *Foreword*. In: MENGER, Carl. Principles of Economics. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2006.
- KLEIN, Peter. The Mundane Economics of the Austrian School. *The Quarterly Journal of Austrian Economics*, v. 11, n. 3, p. 165-187, 2008.
- KOPPL, Roger. Austrian economics at the cutting edge. *Review of Austrian Economics*, v. 19, n. 4, p. 231-241, 2006.
- LACHMANN, Ludwig. *An Austrian Stocktaking: Unsettled Questions and Tentative Answers*. In: SPADARO, Louis (org.), 1978.
- LEE, Frederic; CRONIN, Bruce; McCONNELL, Scott; DEAN, Erik. Research Quality Rankings of Heterodox Economic Journals in a Contested Discipline. *American Journal of Economics and Sociology*, v. 69, n. 5, p. 1409-1452, 2010.
- MAIR, Douglas; MILLER, Anne (orgs.). *A Modern Guide to Economic Thought: An Introduction to Comparative Schools of Thought in Economics*. Aldershot: Edward Elgar, 1991.
- MISES, Ludwig von. *The Ultimate Foundation of Economic Science: An Essay on Method*. Indianapolis: Liberty Fund, 2006.

- MISES, Ludwig von. *Human Action: A Treatise on Economics*. Indianapolis: Liberty Fund, 2007.
- POSSAS, Mário Luiz. A cheia do mainstream: comentários sobre os rumos da ciência econômica. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 1, n. 1, p. 13-58, 1997.
- Rizzo, M. J. (1996), "Introduction: Time and Ignorance After Ten Years", in Rizzo, M. J., O'Driscoll, G. P. (1996), *The Economics of Time and Ignorance*, London, Routledge
- Rizzo, M. J. (2009), "Austrian Economics: Recent Work", in Durlauf, S. N., Blume, L. E. (orgs.), *The New Palgrave Dictionary of Economics (Online Edition)*, Palgrave Macmillan.
- RIZZO, Mario. Foundations of The Economics of Time and Ignorance. *Review of Austrian Economics*, v. 26, n.1, p. 45-52, 2013.
- ROTHBARD, Murray. *The Present State of Austrian Economics*, 1992. In: ROTHBARD, Murray. *Economic Controversies*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2011.
- SPADARO, Louis (org.). *New Directions in Austrian Economics*. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1978.
- STEIN, Solomon; STORR, Virgil Henry. The difficulty of applying *the economics of time and ignorance*. *Review of Austrian Economics*, v. 26, n. 1), p. 27-37, 2013.
- STIGLER, George, *The Process and Progress of Economics*, 1982. In: MÄLER, Karl (org.). *Nobel Lectures, Economics 1981-1990*. Singapore: World Scientific Publishing Co., 1992.
- TOLIPAN, Ricardo. *A Noção de História do Pensamento Econômico*. In: AMADEO, Edward (org.). *Ensaio sobre economia política moderna: teoria e história do pensamento econômico*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- VAUGHN, Karen. *Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- VAUGHN, Karen. Remembering Jim Buchanan. *Review of Austrian Economics*, v. 27, n. 2, p. 157-164, 2014.